

## **Eleições Municipais de 2016 Em Memória: Os Rastros Da Internet Que Lembram Candidatos Bizarros<sup>1</sup>**

*2016 Municipal Elections In Memory: Internet Trails Remembering Bizarre Candidates*

Anderson William Marzinhowsky Benalia<sup>2</sup>

### **Resumo**

Analizamos no presente artigo a representação de candidatos considerados bizarros das eleições municipais de 2016, pelo blog "Não Salvo", o que se faz com base nos rastros encontrados na rede social Facebook, que se mostra um verdadeiro suporte de memória. Trazemos conceitos de humor na política, bem como dialogismo, sátira, carnavalização e rastros. Temos suporte em Mikhail Bakhtin, Edilson Cazeloto, Pierre Levy, Jeane Gagnebin, Stuart Hall, Isabel Lustosa dentre outros. Concluimos que a política pode se encontrar com o humor em duas situações, aquela que aproxima e humaniza o candidato perante seus eleitores, ocasião que pode ser usada a carnavalização para descontrair a campanha, bem como o humor pode ser pela sátira oposição ao candidato, por trazer ironia e indignação para com a candidatura.

**Palavras-chave:** Humor; Política; Rastros Digitais; Candidatos Bizarros; Dialogismo.

### **Abstract**

We analyze the representation of candidates considered bizarre of the municipal elections of 2016 in Brazil, by the blog "Não Salvo", which is done based on the traces found in the social network Facebook, that shows a true support of memory. We bring concepts of humor in politics, as well as dialogism, satire, carnivalization and traces. We have support in Mikhail Bakhtin, Edilson Cazeloto, Pierre Levy, Jeane Gagnebin, Stuart Hall, Isabel Lustosa among others. We conclude that politics can meet with humor in two situations, the one that approximates and humanizes the candidate before their voters, an occasion that can be used to carnivalization to relax the campaign, as well as the humor may be for satire opposition to the candidate, for bring irony and indignation towards the candidacy.

**Keywords:** Humor; Politics; Digital Trails; Bizarre Candidates; Dialogism.

### **Introdução.**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 8 - Redes de Comunicação, do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação e Cultura Midiática pela Universidade Paulista - UNIP, e-mail: anderson.wbe@hotmail.com.

O humor é um fenômeno característico do comportamento humano, para Sigmund Freud *apud* Valdez Zepeda et al. (2014), “o humor é a mais alta manifestação de mecanismos de enfrentamento do indivíduo”, e sempre foi usado pelo povo no campo político para satirizar, ironizar e criticar o governo.

A existência de políticos que se baseiam ou são retratadas pelo humor, não é uma novidade no cenário brasileiro. Muito embora alguns possam acreditar que isso reflita apenas uma realidade cotidiana (pelo crescente desvalor e descrédito na vida pública, motivado pelas recentes descobertas de corrupção), humor e política caminham juntos há muito tempo.

Lustosa (1989) nos apresenta esta característica retratada pela imprensa:

O humor foi sempre uma marca da imprensa brasileira. Mesmo as grandes folhas do século XIX, com sua péssima paginação, seu amontoado de coluna e de notas, sem manchetes e sem fios a destacá-las, reservaram sempre um espaço, ainda que pequenino, para a quadrinha, a nota maliciosa sobre as figuras importantes do tempo, ou mesmo para a pura e simples anedota.

Especificamente falando de políticos, Lustosa (1989) nos informa que o conluio com o humor surgiu por meio da caricatura, com frequente utilização a partir de 1837 com a publicação da revista "Lanterna Mágica", ilustrada por Araújo Porto Alegre. Todavia, o uso da caricatura em nossa república, que teve início com Marechal Deodoro da Fonseca, e nem sempre foi correto:

Com a Proclamação da República os vilões saem de cena. Começa o ciclo dos heróis e, para estes, a caricatura não é a expressão mais adequada. O marechal Deodoro da Fonseca, por exemplo, se verá, nas páginas da Revista Ilustrada, glamourizado, rejuvenescido e cheio de vitalidade. Ora aparece separando a Igreja do Estado, ora ao lado de Benjamin Constant, a cortar as cabeças da hidra das intrigas. Belos também serão Ruy, Quintino e Campos Sales. A caricatura cede lugar à outra vocação natural da Revista. O desenho de origem acadêmica, em esfuminho, encontra sua essência na apologia dos heróis republicanos. Raras são as situações caricatas, raros os Deodoros de grande cabeça e corpo pequenino na forma típica da caricatura do tempo. (LUSTOSA, 1989).

Florianópolis, sucessor de Deodoro da Fonseca, era considerado

sem um aspecto característico, fisicamente inexpressivo, típico caboclo do Nordeste brasileiro, o "Major" como era então chamado, não se prestava facilmente ao traço das caricaturas. O tipo comum, aliado ao mistério das suas intenções, à inexpressão de suas atitudes, não permitia ressaltar pelo exagero o detalhe, a característica, a marca de onde as caricaturas tiram o efeito cômico, essência do seu humor. (LUSTOSA, 1989).

Todavia, não escapou das caricaturas (agora satíricas), que privilegiaram o enigma enquanto marca de Florianópolis. Segundo Lustosa (1989), a capa da Revista Ilustrada (nº640, 1892), sua

cabeça aparece em cima do corpo de uma esfinge, e em outras ocasiões, apareceu caracterizado como Hamlet Caboclo e Tartufo de Molière.

Tal fenômeno permaneceu frequente em todos os políticos do Poder Executivo, geralmente incentivado pela oposição que ganhava forma pela imprensa. Entendemos que o Poder Legislativo era menos ou sequer atingido, uma vez que diferentemente do modelo que encontramos hoje, antigamente o Estado se organizava de outro modo, por influência dos comuns regimes absolutistas, concentrava boa parte dos poderes na figura de uma única pessoa, o Presidente, deixando de lado a preocupação com outros poderes.

Com um estudo mais contemporâneo, percebemos que o humor deixou de fazer parte somente da oposição ao político, mas segundo Valdez Zepeda et al. (2014) também "é usado como uma estratégia política para construir a liderança e conseguir persuadir, informar e entreter as massas". Ora, sem dúvidas um político triste, sombrio, amargo, irritado ou chato, dificilmente será seguido pelos eleitores, assim, o humor se mostra também elemento de aproximação do político com o seu povo.

Valdez Zepeda et al. (2014) nos ensina que "o humor é usado por partidos e candidatos como um meio para gerenciar o afeto dos eleitores, persuadir, gerar atenção e empatia, para que o candidato seja compreendido e lembrado e até mesmo para provocar mudanças nas atitudes e comportamento dos eleitores", e para além disso, "se usa o humor como sarcasmo, ironia ou para caricaturar e difamar adversários".

Assim, percebemos que humor e política não somente pode representar uma ferramenta de oposição, mas também de promoção pessoal, capaz de gerar tanto empatia entre candidato e eleitor, como o contrário.

### **Rastros Digitais e Cibercultura.**

Diante das eleições gerais de 2018 e de candidaturas que popularmente se aproximaram dos eleitores por meio do humor, certamente os usuários da rede social Facebook e seguidores da página "Não Salvo" (abaixo apresentada), evocaram memórias de 2016, quando tal página realizou uma série de postagens denominadas "Candidatos Bizarros".

Entretanto, tal associação só se mostra possível pois quando propagado algo no campo fértil da internet, dificilmente tal conteúdo se perderá, ainda que se passe muito tempo de tal evento, isso melhor se explica pelo conceito de "rastros".

Benalia e Heller (2018) ensinam que uma vez na rede mundial de computadores, até pelas reações e compartilhamentos que o Facebook possibilita aos usuários, talvez jamais se consiga retirar tal assunto da internet, ou mesmo da memória das pessoas que a viram, a não ser estas últimas, por um processo de esquecimento.

Ressaltamos que é impossível viver sem deixar rastros, segundo Gagnebin (2006, p. 116), o ser humano deve tomar cuidado "quando pensar em morrer, para que não haja sepultura revelando onde jaz...", assim, podemos dizer que tudo que se posta e se compartilha na internet, mesmo que após um período isso seja apagado, rastros são deixados e são identificados por meros mecanismos de busca.

O poder dos rastros digitais é tão grande que segundo Palfrey e Gasser (2011, p. 43)

Muitas pessoas no mundo, mesmo aquelas que não têm acesso à tecnologia, poderão ser encontradas *online* em algum momento de suas vidas. Com frequência, esse rastro digital será deixado, não pela própria pessoa, mas por outros que interagem com ela.

Vale lembrar que segundo Gagnebin (2006, p. 111), rastros denunciam uma “presença ausente”. Ao pensarmos no caso dos candidatos de 2018, para aqueles que conheceram as publicações em comento, quase que automaticamente fazemos uma associação com os candidatos bizarros de 2016. Esse fenômeno da memória mostra-se ainda mais aperfeiçoado por permitir ao interlocutor localizar em uma busca rápida os conteúdos evocados.

No próprio *feed* de notícias do Facebook encontramos os conteúdos suscitados com uma simples busca pelos termos "candidatos" e "bizarros".

É relevante dizer que a possibilidade de utilização desse mecanismo deve ser atribuída ao crescimento da cibercultura.

O acesso frequente à internet fomentou a vida soft, que se manifesta quando usuários de computadores, smartphones e demais equipamentos de conexão à rede mundial acessam informações e notícias de qualquer natureza, publicam ideias, compram produtos em tempo real nos sites, blogs, e se relacionam nas redes sociais. Stuart Hall (1997) explica que vida soft nada mais é do que um estilo de vida conformado às novas tecnologias culturais, que permite “a extensão das capacidades humanas, especialmente nas regiões desenvolvidas ou mais “ricas” do mundo, e as coisas práticas — comprar, olhar, gastar, poupar, escolher, socializar — realizadas à distância, “virtualmente”.

Entre as características da vida soft, destaca-se o da “compressão tempo-espço”, pensado por Harvey apud Hall (1997), afirmando que a redução da velocidade com que as imagens viajam,

as distâncias para reunir bens, a taxa de realização de lucros (reduzindo o ‘tempo de turn-over do capital’), e até mesmo os intervalos entre os tempos de abertura das diferentes Bolsas de Valores ao redor do mundo — espaços de minutos em que milhões de dólares podem ser ganhos ou perdidos.

Embora em um primeiro momento possamos pensar que uma consequência nefasta da compressão seria tornar o mundo um lugar “único”, graças à transmissão das comunicações transnacionais de produtos culturais estandarizados, estudiosos da cultura, como Stuart Hall, acreditam na criação de culturas híbridas, nas quais convivem elementos da cultura “padrão” e suas resistências.

Já para Pierre Lévy (1999, p. 17), teórico mais entusiasta das novas tecnologias, a cibercultura (e não a vida soft) representa o "conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço". E ainda acrescenta: "não apenas é a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo".

Vê-se que embora apontem alterações de estilos de vida e da cultura decorrentes das novas tecnologias, Stuart Hall e Pierre Lévy divergem em suas ponderações. Enquanto o primeiro problematiza a ideia de que os ganhos advindos da tecnologia são universais e harmoniosos, o segundo sugere que, por meio dela, homens e técnicas desenvolvem-se em harmonia, pois crescem juntos.

Assim como Stuart Hall, Edilson Cazelotto (2008) põe em dúvida as belezas da cibercultura, principalmente por acreditar ser mais uma "artimanha" do Capitalismo para exercício de poder das elites sobre os mais fracos, segundo ele:

A cibercultura é o ambiente da elite mundial e, exatamente por isso, se faz sentir mesmo onde não está diretamente presente. O que nos interessa é seguir a trilha sugerida por Baudrillard e compreender o capitalismo mais como um "modo de dominação" que um "modo de produção" (p.108).

Para Cazelotto (2008), o processo de "Inclusão Digital", presente na cibercultura como elemento de garantia de maior acesso à internet, só reafirma o ambiente de relações hierárquicas e de poder do mundo virtual, melhor dito pelo autor:

O termo "inclusão digital" já denota em si uma forma de hierarquização. Ele remete a um conjunto de discursos e práticas cujo objetivo é levar a informatização a grupos sociais que, sem esses procedimentos, muito provavelmente não teriam condições de acesso às

ferramentas informáticas. Desse modo, não é possível falar, por exemplo em "inclusão digital" para adolescentes urbanizados das classes altas ou médias simplesmente porque o uso de computadores [smartphones e tablets] já está de tal forma incorporado ao cotidiano desses indivíduos, que a manipulação de interfaces e equipamentos informáticos não se separa das outras dimensões do vivido: ela está na educação, no lazer, nas práticas culturais. A inclusão digital é, portanto, um artifício de engenharia social criado para estender ao maior número possível de cidadãos os eventuais benefícios que uma elite já desfruta integralmente, como parte "natural" de sua inserção na sociedade.

Entretanto, não é nosso objetivo comparar as perspectivas teóricas dos autores, mas sim, desenvolver a ideia de que, com o advento cibercultura e ciberespaço, entram em cena as redes sociais da internet, que não só cuidam do entretenimento popular, mas o que nos chama a atenção é o poder de perpetuação do que nelas for postado, representando uma verdadeira "máquina" de rastros digitais.

Por se tratar de um grande volume de candidatos localizados, elegemos como objeto do presente artigo os que se enquadram na categoria de candidatos que se associam a alguma atividade profissional.

Abaixo passaremos a entender melhor o objeto.

### **Os Candidatos Bizarros de 2016.**

No final do ano de 2008, Maurício Cid criou o *blog* "Não Salvo", que tem por objetivo, "selecionar tudo do bom e do melhor (e do pior) da internet em apenas um lugar". Por seu conteúdo humorístico de acesso digital, foi considerado o "Melhor *Blog* de Humor" do ano de 2010 pelo jornal *Folha de S. Paulo*; "Blog do Ano", pela *Youpix*, de 2011 a 2014, além de receber o prêmio "#EPIC Social Media SP"<sup>3</sup>. Além das publicações rotineiras, são compartilhadas postagens na sua página da rede social *Facebook*, que em 2018 atingiu mais de quatro milhões de curtidas e seguidores.

Segundo Benalia e Heller (2017), a partir do mês de agosto de 2016, o "Não Salvo" realizou diversas postagens com o seguinte enunciado: "Candidatos Bizarros das eleições de 2016", objeto do presente artigo. Os candidatos aos poderes Executivo e Legislativo municipais foram selecionados com o apoio dos seguidores da página que encaminharam aos administradores do *blog* os "santinhos eleitorais" mais "estranhos" que encontravam pelas ruas. O objetivo era reunir os candidatos mais "bizarros" do país, para serem colecionados e

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.naosalvo.com.br/sobre/>>. Acesso em: 12 Jun. 2018.

compartilhados em postagens periódicas no *blog* e na respectiva página do *Facebook*. No total foram realizadas dez postagens, nas quais, tiveram destaque, 85 indivíduos categorizados como “candidatos bizarros”.

Não sabemos ao certo qual foi o potencial deste humor na campanha dos candidatos aqui representados, podemos imaginar que uma publicação por uma página como o "Não Salvo", para mais de 4 milhões de seguidores pode ser um bom impulso, aproximando candidato e eleitor. Entretanto, o título de "bizarro" pode causar justamente o contrário, tornar tal candidatura alvo de ironia e indignação. Optamos acreditar na segunda hipótese.

Para sustentar uma análise discursiva, conforme antecipado, selecionamos os candidatos que se categorizam como representantes de alguma atividade profissional, são eles:



Figura 01 - Professora Cidinha Gomes

Fonte: Blog “Não Salvo”. Disponível em:

<<https://www.naosalvo.com.br/wp-content/uploads/2016/08/candidatosbizarros6.jpg>>.

Acesso em: 19 Out. 2018



Figura 02 - Mandioca da Saúde

Fonte: Blog “Não Salvo”. Disponível em:

<<https://www.naosalvo.com.br/wp-content/uploads/2016/08/parte1candidatos11.jpg>>.

Acesso em: 19 Out. 2018



Figura 03 - Rodo Lanches O Zé  
Mentira

Fonte: Blog "Não Salvo". Disponível  
em:

<<https://www.naosalvo.com.br/wp-content/uploads/2016/09/can9.jpg>>.

Acesso em: 19 Out. 2018



Figura 04 - Mosquito Engraxate

Fonte: Blog "Não Salvo". Disponível em:

<<https://www.naosalvo.com.br/wp-content/uploads/2016/08/2cand6.jpg>>. Acesso em: 19 Out. 2018



Figura 05 - Adão Eustaquio da Dengue

Fonte: Blog "Não Salvo". Disponível em:

<<http://cdn.naosalvo.com.br/2016/08/can14.jpg>>. Acesso em: 19 Out. 2018

## Análises.

Dos que agora analisam as imagens, nem todos podem compartilhar do sentimento da bizarrice, conforme demarcado pelo "Não Salvo", todavia, abaixo ressaltamos as possíveis razões que levam as imagens / candidaturas a serem assim consideradas, fatos estes

ratificados pelos seguidores do referido blog e página, uma vez que ao analisar as reações das postagens que compartilham os santinhos, as mesmas se mostram dialógicas, conforme ensina Mikhail Bakhtin:

todo enunciado [...] tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros[...]. O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. (2003, p. 275).

Vale lembrar que trazer o conceito de dialogismo para a conjuntura das redes sociais virtuais representa o mesmo raciocínio presente no discurso verbal impresso ou oral. Isso porque, como já afirmamos em outro artigo, um locutor, ao criar um enunciado em forma de postagem, deve ter em mente, desde já, o discurso dos seus interlocutores para que o mesmo possa se posicionar positiva ou negativamente a respeito de determinado objeto, a depender de sua intenção com a publicação, seja de concordância, solidariedade ou crítica de seu público conectado<sup>4</sup>.

A candidata Professora Cidinha Gomes (figura 01) aparentemente nada denota o bizarro, pelo contrário, tendo por base o rigor tradicionalmente exigido para a vida pública, a imagem é composta por uma fotografia de perfil, em postura ereta, com roupas sociais, evidenciando certa seriedade, se não pelo sorriso descontraído. O fato é que alguns meses antes das postagens em análise, Cidinha Gomes já compunha o rol dos citados pelo Não Salvo, isso pois a mesma ficou conhecida na internet por comparecer em uma festa de aniversário que sequer a aniversariante se fez presente, conforme imagem a seguir.



Imagem 06: Cidinha Gomes

<sup>4</sup> Benalia, Anderson W. M.; Heller, Bárbara. Quando os incomodados não se retiram: análise de posts no site não salvo. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1810-1.pdf>>. Acesso em 12 Out. 2018.

Fonte: Blog “Não Salvo”. Disponível em: <<https://www.naosalvo.com.br/wp-content/uploads/2016/08/candidatosbizarros6.jpg>>. Acesso em: 19 Out. 2018

Como se percebe, ao comparecer na festa de aniversário para qual foi convidada, a candidata, por estar sozinha, resolve ironizar o fato postando em suas redes sociais uma foto em que aparece no ambiente da comemoração praticamente vazio, segurando um copo de cerveja, sorrindo. Escreveu como legenda da imagem: "Hoje no bar do Galo, niver [sic] da 'Lu Rodrigues', só eu fui, nem ela foi, um brinde a vc [sic] Lu. Mesmo vc [sic] dando o furo continuo te amando, desejo a vc [sic] um feliz aniversário, a paz e as benções [sic] de Deus!! Bjuuss [sic]".

O dialogismo se comprova, principalmente quando em análise dos comentários nas postagens, nos deparamos com os seguintes:

Quem vota na Cidinha não precisa se preocupar com ela faltando reunião na câmara.

\_\_\_\_\_ <sup>5</sup>ja [sic] viu história da cidinha gomes, candidata aqui hahahaha.

Eu votaria na professora Cidinha Gomes, pq qdo [sic] nenhum vereador fosse na Câmara, ela iria!

Pelo menos a Cidinha vai aparecer na Câmara sempre.<sup>6</sup>

Entretanto, Cidinha Gomes também recebeu defesa, por força centrípeta do discurso identificamos: "Vi sinceridade na Cidinha torço por ela, e tenho certeza que ela não vai faltar de compromisso na câmara!!!".

Os próximos candidatos em análise, compartilham praticamente das mesmas conclusões, sendo a bizarrice retratada pelo nome de urna adotado, ao invés de algum fato pretérito, como no caso de Cidinha Gomes.

No caso de Mandioca da Saúde (figura 02), a bizarrice demarcada, sem dúvidas se encontra no nome de urna que o candidato optou, não fica claro na postagem quais são as reais características do candidato, entretanto, até pelo fato de nesta categoria ser alocado, que o termo "saúde" se refere ao trabalho que desempenha, uma vez que é comum em candidaturas municipais, remeter o eleitor às agendas que se dedica, neste ponto destacamos exemplos sempre encontrados: Fulano da Farmácia, Beltrano da Prefeitura ou Cicrano do Ônibus.

<sup>5</sup> O travessão foi empregado para substituir os nomes próprios originais nos comentários. Assim, evita-se exposição dos internautas e contemplamos a recomendação do Comitê de Ética em Pesquisa.

<sup>6</sup> Disponíveis em: <<https://www.facebook.com/NaoSalvo/posts/10153963119542989>>. Acesso em: 19 Out. 2018.

Todavia, o bizarro não se encontra na denominação profissional que se estabeleceu, mas pelo fato de o nome que antecede a esta, não ser na verdade seu, e sim representar um vegetal, "Mandioca", que presumimos caracterizar o apelido do candidato.

As mesmas conclusões de Mandioca da Saúde podemos atribuir ao candidato Mosquito Engraxate (figura 04), que seapura a bizarrice por meio do nome de urna, onde se elenca a profissão, sucedido de seu apelido, que neste caso representa um inseto ao invés de um vegetal.

Situação diferente tem o candidato Adão Eustaquio da Dengue (figura 05), embora tenha sua profissão também demarcada, que possivelmente representa a classe dos agentes comunitários, o que antecede é seu nome genuíno ao invés de um apelido, este, responsável por sua titularidade bizarra, uma vez que apesar de bíblico, se mostra impopular.

Rodo Lanche o Zé Mentira (figura 03) é um candidato que embora tenha semelhança com os demais, possui suas peculiaridades, que destacamos. Do mesmo modo, a bizarrice provém de seu nome de urna, todavia, o quesito profissional está relacionado ao seu negócio de lanches, estampando na campanha o nome da personalidade jurídica que possui, e ao tratar de seu nome, o faz em segundo momento, o que garante ênfase mais na profissão do que à pessoa (assim como acontece com a Professora Cidinha Gomes), até por que neste caso, se determinou como Zé Mentira, característica abominável na política, haja vista o grande número de denúncias de corrupção que verificamos na atualidade.

Com a exposição de tais candidatos nas postagens, o blog objetivou ironizar as candidaturas, uma vez que sugere tais nomes não representarem bons candidatos para a vida pública, percebemos tal fato ao identificar dentre outros, o seguinte enunciado, que acompanha as postagens: "Clique e rasgue seu título de eleitor"<sup>7</sup>.

O fato de o internauta clicar no ícone que dispõe na postagem, gera o direcionamento para uma galeria onde os candidatos são colecionados, daí portanto a ironia de que se deve rasgar o título de eleitor, uma vez que não considera nenhum dos candidatos ali presentes, aptos a assumirem cargos eletivos.

Dialogicamente o público acompanhou a sugestão do Não Salvo, uma vez que percebemos nas reações, comentários que seguem a ironia e indignação apontada pelo blog, veja abaixo:

Encerra-se um ciclo e outro se inicia, pq [sic] a internet, ahhh a internet.. Ela n [sic] para; Enquanto existir esses lixos, e pessoas que ainda votem, esse vai ser sempre o país do 7x1;

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/NaoSalvo/posts/10154043944897989>>. Acesso em 20 Out. 2018.

\_\_\_\_\_ que os jogos comecem;  
Vergonha alheia....A questão que fica é: o quê esse povo tem para adicionar [sic] ao Brasil????;  
E se político não recebesse nada, será que haveria essa bizarrisse [sic] toda? =O;  
Kkkkk, de bizarro em bizarro que nois [sic] racha o bico!;  
Viu amor? \_\_\_\_\_ pegue a pipoca que estou comprando a manteiga;  
Quero que queime todos no inferno;  
Quem vota em candidatos assim, merece a situação que o país vive.<sup>8</sup>

É importante ressaltar que em tais publicações, embora se pretendem humorísticas, carregam elementos de seriedade, principalmente ao estabelecer um modelo comparativo em o que se deve ou não estar presente na política, assim, identificamos características de sátira.

A sátira possui modos de significação no discurso humorístico satírico, por essa razão, os estudos estéticos sobre a sátira, geralmente extrapolam seu foco, responder questões sobre o cenário onde estão sendo transmitidas, e assim, fundamentar essa modalidade como passível de estudo.

Dentre essas questões está a relação entre realidade e a produção do discurso humorístico: até que ponto elas se influenciam, ou até que limite a sátira pode influenciar a significação do discurso e ser considerada no estudo do mesmo?

Essa discussão está diretamente relacionada à visão idealista do humor como uma prática que tem como finalidade expressar ideias e provocar o riso. Acerca da potencialidade do riso para incitar mudanças, Bakhtin (1987) afirma que esta seria uma válvula de escape que cria espaço para a subversão social, onde estruturas inflexíveis se tornam volúveis e, por conseguinte, abre-se a possibilidade para a renovação.

O riso é um aglutinador social, e através dele, o senso comum é rompido, o inesperado é evocado, os assuntos são colocados em contextos pouco conhecidos, ou mesmo chocantes, para tornar o público ou os leitores conscientes de suas próprias premissas, preconceitos e diferenças culturais (DRIESSEN, 2000, p.258).

Logo, por meio do riso, encontramos um caminho que nos confere a capacidade de reorganizar e reparar a vida em sociedade, incentivando a adaptação frente às situações, pois manter-se estagnado, é estar vulnerável a ser rido. Na carnavalização, a sátira e o riso reinam, e as máscaras e as fantasias nos protegem da retaliação, cenário propício para

---

<sup>8</sup> Disponíveis em: <<https://www.facebook.com/NaoSalvo/posts/10153963119542989>>. Acesso em: 19 Out. 2018.

depreciar ditames por meio da linguagem. É a expressão da liberdade por excelência, melhor dito por Bakhtin:

[...] ao contrário da festa oficial, [...] era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações. Opunha-se a toda perpetuação, a todo aperfeiçoamento e regulamentação, apontava para um futuro ainda incompleto (BAKHTIN, 1987, p.8-9).

A vida social necessita do escárnio provocador, que expõe as contradições da realidade objetiva, no sentido de que o riso e a democracia são indissociáveis. Portanto, o satírico é um riso significativamente ideológico e necessário, de acordo com o pensamento bakhtiniano.

Diante das ilustres explicações, podemos certamente referenciar como satíricas e carnavalizadas as publicações do “Não Salvo”, uma vez que as candidaturas oficiais são trazidas para o entretenimento da página sob o título de “Bizarro”, o que pode dar causa ao riso, portanto, elemento basilar da sátira. Do mesmo modo, mostra-se carnavalizado o modelo de candidatura, uma vez que foge do tradicional rigor político, aquele discutido desde a *pólis* grega, todavia, tal modelo pode representar uma tendência da contemporaneidade, ou seja, tratar a vida pública como algo banal, pode ser algo mais comum do que deveria, haja vista a quantidade de candidatos eleitos no Brasil que carregaram em suas campanhas uma bandeira disruptiva, demonstrando que representa verdadeiro *outsider* da política.

### **Considerações Finais.**

Concluimos que as redes sociais da internet representam verdadeiros suportes de memória, uma vez que por meio de seus rastros - a memória que não se apaga - é possível de se evocar lembranças ainda que de tempos atrás, algo que a memória física das pessoas já poderia ter sofrido processo de esquecimento.

Com esse fenômeno, recuperamos em 2018 importantes acontecimentos de 2016, que demarcaram a existência dos candidatos bizarros das eleições municipais. Por se tratar de ano eleitoral, qualquer semelhança do presente, não se mostra uma mera coincidência com o passado, uma vez que elementos de carnavalização sempre estão presentes nas campanhas, até como uma forma de aproximação entre candidato e eleitor.

Ademais, devemos ressaltar que humor e política é algo que sempre caminha junto, tanto como estratégia de humanização e aproximação do candidato aos seus eleitores, como também se mostra artifício usado pela oposição, satirizando o candidato, como forma de ironizar sua campanha e despistar votos.

### Referências.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Brasília: Universidade de Brasília, 1987.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENALIA, Anderson W. M.; HELLER, Bárbara. **Quando os incomodados não se retiram: análise de posts no site não salvo**. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1810-1.pdf>>. Acesso em 12 Jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **A Representação Feminina Nas Eleições Municipais De 2016 E O Blog “Não Salvo”: Números Que Falam**. Disponível em: <[http://anais-comunicon2018.espm.br/GTs/GTPOS/GT7/GT07\\_BENALIA\\_HELLER.pdf](http://anais-comunicon2018.espm.br/GTs/GTPOS/GT7/GT07_BENALIA_HELLER.pdf)>. Acesso em 17 Out. 2018.

CAZELOTO, Edilson. **Inclusão digital**: uma visão crítica. São Paulo: Editora Senac, 2008.

DRIESSEN, Hank. **Humor, riso e o campo**: reflexões da antropologia. In: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (Org.). Uma história cultural do humor. Rio de Janeiro: Record, 2000.p. 251-276.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GAGNEBIN, Jeane M. **Lembrar Escrever Esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

HALL, Stuart. **A Centralidade da Cultura**. In: Media and Cultural Regulation. 1997. Disponível em: <[http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda\\_2011\\_02.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_02.pdf)>. Acesso em: 10 Out. 2018.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUSTOSA, Isabel. **Humor e Política na Primeira República**. São Paulo: Revista USP, 1989. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25480/27226>>. Acesso em 17 Out. 2018.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos Na Era Digital: Entendendo a Primeira Geração De Nativos Digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

VALDEZ ZEPEDA, Andrés; HUERTA FRANCO, Delia A.; PEREZ PRECIADO, Octavio Adolfo. **O humor na estratégia de persuasão durante as campanhas eleitorais**. Brasília: Revista Brasileira de Ciência Política, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-335220140001000100&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-335220140001000100&lang=pt)>. Acesso em: 17 Out. 2018.